

DERRIDA: DAR O FUTURO²

Drucilla Cornell³

Tradução:
Maria Walkíria de Faro Coelho Guedes Cabral
Revisão:
Guilherme Lanari Bo Cadaval

Como muitos outros, fiquei chocada, se não horrorizada, com algumas das reações brutais à morte de Derrida de manchetes como “Por que não choro Derrida” a longos e sinuosos ataques sobre porque Derrida e desconstrução simplesmente não importam. O que era, e permanece, tão assustador sobre o nome de Derrida que desencadeou um tipo específico de brutalidade dirigida a ele mesmo na morte? Talvez, seja precisamente porque Derrida ousou insistir em um futuro, insistir, de fato, que sempre pode haver um futuro, apesar dos esforços para fechá-lo em nome de um fechamento histórico mundial como o advento de um certo capitalismo de mercado que não pode ser desafiado.

Nos lembrar que Derrida é o pensador do futuro por excelência, sem dúvida, não será uma surpresa. Desde sua escrita sobre hospitalidade incondicional até o “arrivant” ao acontecimento, Derrida escreve muitas vezes sobre o futuro “porvir” que é o outro já conosco — inscrito em nosso coração, como ele é no meu, como uma dívida que nunca pode ser paga, mas deve sempre evocar nossos agradecimentos. E ainda assim, esse futuro “porvir”, na medida em que é sempre o que está “porvir”, nunca é redutível para o que está “ainda porvir” (como se o ainda pudesse ser dado qualquer forma antes do acontecimento em si). Para citar Derrida:

Talvez seja necessário libertar o valor do futuro do valor do “horizonte” que tradicionalmente tem sido ligado a ele — sendo o horizonte, como a palavra grega indica, um

2 Texto original “Derrida: The Gift of the Future”, publicado na revista *Brown University and Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 2005.

3 Drucilla Cornell foi ativista, feminista, filósofa e jurista. Foi professora emérita de ciência política, estudos sobre mulheres e literatura comparada na Rutgers University. Cornell também foi dramaturga e lançou o Projeto *uBuntu* na África do Sul em 2003. Seu trabalho inicial foi em estudos jurídicos críticos e teoria feminista, passando pelo Projeto na África do Sul, justiça transicional e jurisprudência de Ronald Dworkin, alcançando nas últimas obras as novas questões em evolução na filosofia e na política de importância global. Seu último trabalho chama-se “Today’s Struggles, Tomorrow’s Revolution”, publicado após sua passagem, ocorrida em 12 de dezembro de 2022. [N.T.]

limite do qual eu pré-compreendo o futuro. Eu espero por isso. Eu o pré-determinei. E assim, eu o anulei (Derrida, 2001, p. 20⁴).

E ainda assim, isso não é tudo o que Derrida nos diz de sua aposta no futuro.

Se há um futuro ou, como ele gostaria de dizer, se existe tal coisa deve haver alguma abertura que nos chame na forma de um recurso. Este apelo das outras exigências que respondemos agora; de fato, a marca que deixamos no mundo que compartilhamos será inseparável daqueles apelos infinitos feitos a nós e como respondemos quando fomos chamados. Como Derrida nos diz:

Uma simples frase tira seu significado de um determinado contexto, e já faz seu apelo a outro em que será compreendido; mas, claro, para ser compreendido é preciso transformar o contexto em que está inscrito. Como resultado, esse apelo, essa promessa do futuro, necessariamente abrirá a produção de um novo contexto, onde quer que isso aconteça. O futuro não está presente, mas há uma abertura para ele; e porque há um futuro, um contexto está sempre aberto. O que chamamos de abertura do contexto é outro nome para o que ainda está porvir (Derrida, 2001, p. 19-20⁵).

Aqui, Derrida está falando de seu próprio trabalho, que foi contra a corrente e como foi pensado por ele para ser uma resposta ética a esse futuro e à revisão do contexto que este outro futuro exigia. Novamente, citando Derrida:

É uma questão de procurar algo que ainda não é bem recebido, mas que espera ser recebido. E pode-se ter uma espécie de talento para o que, indo contra a corrente, já está em contato com a possível recepção. Então, se eu puder me referir ao meu próprio caso, com toda a probabilidade, cada vez que eu tentei fazer um gesto que era, como você disse, bizarro ou prematuro, foi porque eu tive a impressão de que era exigido, mais ou menos silenciosamente, por outras áreas do campo, por outras forças, que ainda estavam em minoria, que estavam lá. Portanto, há uma espécie de cálculo no incalculável aqui, e a inoportunidade é uma espécie de pontualidade em construção (Derrida, 2001, p. 16⁶).

4 O mesmo trecho na versão portuguesa de *O gosto do segredo*: Talvez devamos libertar o porvir da valência de horizonte que tradicionalmente o acompanha, dado que o horizonte, no étimo grego, é um limite a partir do qual pré-compreendo o porvir. O espero, o predetermino, e, portanto, o anulo. (*O gosto do segredo*, p. 36) [N.T.]

5 O mesmo trecho na versão portuguesa de *O gosto do segredo*: “Uma simples frase ganha sentido dentro de um contexto dado, e logo reclama dele um outro em que será compreendida, e para que isso aconteça é absolutamente necessário que modifique o contexto em que se inscreve. Por conseguinte, a produção de um novo contexto, contanto que advenha, permanecerá necessariamente aberta por esta exigência, por esta promessa do porvir. O porvir não é presente, mas dá-se uma abertura ao porvir, e um contexto é sempre aberto porque há porvir; a abertura do contexto é um outro nome para o que permanece porvir. (*O gosto do segredo*, p. 35). [N.T.]

6 O mesmo trecho na versão portuguesa de *O gosto do segredo*: E procurar qualquer coisa que não é ainda bem recebida, mas que espera sê-lo. E há uma espécie de faro para aquilo que, estando embora

Quando Ann Snitow e eu decidimos no outono de 2002 formar um grupo de paz, falei longamente com Derrida sobre como o tipo de grupo que queríamos formar era aquele que seria fiel à pontualidade [tempestividade] ainda em construção, uma pontualidade [tempestividade] que parece tão urgente por causa do “acontecimento” do 11 de setembro. Coloquei o acontecimento entre aspas para nos lembrar da análise muito cuidadosa de Derrida sobre o porquê e como o 11 de Setembro poderia ser considerado um grande acontecimento⁷. Tragicamente, Derrida aponta que a morte de milhares, dezenas de milhares e até centenas de milhares de pessoas não é suficiente para não fazer um acontecimento. Nem o 11 de Setembro foi “imprevisível” como em seu sentido do acontecimento da palavra. Estranhamente, foi previsto até mesmo em filmes de Hollywood como *The Siege*, onde Annette Benning retrata um muçulmano mau que está vindo nos pegar. (Claro, estou ecoando o título de Mahmood Mamdani aqui, bom muçulmano, mau muçulmano e as fantasias sobre a religião muçulmana que tão facilmente circularam na mídia dos EUA e ainda pior na academia estadunidense)⁸.

O que fez do 11 de Setembro um acontecimento para Derrida foi algo assustador. O desencadeamento do que ele chama de resposta autoimune, pelo qual ele quer dizer um processo quase suicida no qual uma pessoa, uma sociedade e uma cultura trabalham para destruir sua própria proteção⁹. Para Derrida, havia três respostas autoimunes perigosas — o que ele chamou de guerra fria na cabeça, o horizonte do pior e o ciclo vicioso de repressão desencadeado pelo pensamento de que o pior ainda está porvir. Esse medo de “o pior ainda está porvir” de um “eles” esquivo é o que Derrida previu como uma verdadeira ameaça ao futuro. Mesmo que o futuro permaneça “ainda porvir”, podemos ser afastados dele. Ao não exercer nossa responsabilidade, podemos, politicamente e eticamente, encerrar o que é filosoficamente impossível de negar.

No meu esforço com Ann para nomear este grupo fielmente de acordo com uma

a contracorrente, se liga já a uma recepção possível. Portanto - e permitindo-me uma referência pessoal - provavelmente, cada vez que procurei fazer gestos estranhos ou inatuais, foi porque tinha a impressão de sentir que esses gestos eram requeridos, mais ou menos silenciosamente, por outros lugares do campo. por outras forças, que, sendo embora minoritárias ainda, se delineavam já como presentes. E uma espécie de cálculo no incalculável, e a intempestividade é um tipo de tempestividade em vias de formação (O gosto do segredo, p. 31). [N.T.]

7 Ver: Borradori, Giovanna. *Philosophy in a Time of Terror: Dialogues with Jürgen Habermas and Jacques Derrida*, Chicago: The University of Chicago Press, 2003, Part 2.

8 Ver: Mandami, Mahmood. *Good Muslim, Bad Muslim: America, the Cold War, and the Roots of Terror*, New York: Pantheon, 2004.

9 Ver: Borradori, Giovanna. *Philosophy in a Time of Terror: Dialogues with Jürgen Habermas and Jacques Derrida*, Chicago: The University of Chicago Press, 2003, Part 2.

pontualidade diferente que esperávamos fazer parte da construção, Derrida insistiu que devemos de alguma forma incorporar a palavra “futuro” no nome do grupo. Inspiradas pelas palavras da maravilhosa poeta Alicia Ostriker e ecoando as palavras de um certo movimento feminista, também sabíamos que o grupo deve ser nomeado com as palavras “tomar de volta”. A inspiração dos dois se fundiu e o grupo foi chamado de “Take Back the Future” (Retomar o Futuro). Com toda a seriedade vimos nesse nome um chamado urgente à ação. Foi um chamado à ação que deve funcionar para ajudar a rever o contexto em que nós, que vivemos em Nova York após o 11 de Setembro, estamos sobrevivendo. É esse sentido de “futuro” que quero enfatizar em Derrida, como algo que pode ser tomado e algo pelo qual somos responsáveis. Como ele nos lembra, este chamado dita uma crítica a uma “religião do capital que institui seu dogmatismo sob novos disfarces, que também devemos aprender a identificar — pois este é o futuro em si, e não será outra coisa” (Derrida, 1992, p. 77). Pois nesta crítica está a aposta do futuro em si e não haverá futuro sem isso. Há um sentido denso, profundo e assustador, no qual o futuro e nossa responsabilidade pelo futuro não podem estar em outras mãos, mas nas nossas.

Cabe a nós assumir a tarefa de trazer à existência uma tempestividade ainda em andamento, e se não assumirmos tal tarefa não há alibi que nos isente de não o fazer. Também não há um alibi em muitas acusações de que a tarefa estabelecida por Derrida é muito grande, muito infinita, e, portanto, sugerindo que não há nada para nós a fazer. O oposto é o caso. Claro, estou escrevendo um específico, ou certo, Derrida (para usar uma de suas palavras favoritas). Para entender mais profundamente o que significa na evocação da palavra futuro, devemos lembrar que Derrida tinha uma relação complicada com a imaginação, talvez uma que seja mais complicada do que ele mesmo às vezes permitiria. Sim, há o Derrida que frequentemente ecoa o tema sartreano de que a imagem é a morte, que nossa imaginação pretende nada. É essa visão que sugere que a imaginação é tanto a causa da nossa “náusea” quanto a base de nossa liberdade. Mas em seu ensaio sobre Nelson Mandela vemos Derrida admirando Mandela por admirar a lei e, de fato, por exemplificá-la. Talvez este trabalho seja um dos exemplos mais poderosos de Derrida em sua tentativa de chamar do futuro a possibilidade de justiça hoje.

Aqui, Derrida está apelando para algo próximo ao Kant da *Crítica do Julgamento*. Nesse trabalho Kant descreve como o poder esquematizador da imaginação pode funcionar para fornecer critérios de validade exemplar para o julgamento moral. A moralidade não poderia funcionar efetivamente sem a capacidade da imaginação de narrar histórias particulares que exemplificam, por outro lado, uma regra abstrata. De certa forma, então, a lei moral mostra-se como uma resposta real ou particular a isso. Sem essa capacidade imaginativa de

evocar figuras e narrativas exemplares, e de fato, ao fazê-lo identificar-se com suas ações, seria difícil sustentar o apelo ao sentimento moral como Mandela faz em seu famoso julgamento ao qual Derrida se refere. Mandela mostra essa admiração pela lei não apenas por incorporar esse respeito pela lei em sua vida, mas por retratar-se como aquele que respeita a lei colocando-se sob ela.

Quando admiramos Mandela como um exemplo da lei, também somos puxados para o respeito que ela exige de nós. O próprio Derrida testemunha sua identificação com a admiração de Mandela pela lei admirando essa admiração e, ao fazê-lo, está perto de uma imaginação exemplar kantiana que trabalha por este ato de testemunho através da intuição, em vez de mera abstração. Derrida nos diz:

Então ele se apresenta desta maneira. Ele se apresenta em seu povo, ante a lei. Ante uma lei que ele rejeita, sem qualquer dúvida, mas que ele rejeita em nome de uma lei superior, a mesma que ele declara admirar e ante a qual ele concorda em aparecer. Em tal apresentação do eu, ele se justifica retomando sua história, que ele reflete em um único centro, um único e um centro duplo, sua história e a de seu povo. Aparência: eles aparecem juntos, ele se torna o próprio novamente aparecendo ante a lei que ele convoca tanto quanto ele é convocado por ela. Mas ele não se apresenta tendo em vista uma justificativa que seguiria sua aparência. A apresentação do eu não está a serviço da lei, não é um meio. O desdobramento dessa história é uma justificativa, é possível e tem significado apenas ante a lei. Ele é apenas o que ele é, ele, Nelson Mandela, ele e seu povo, ele tem presença apenas neste movimento de justiça (Derrida; Tlili, 1987, p. 27).

Este apelo para identificar-se com a identificação de Mandela do direito moral e o comando da justiça como o que constitui quem ele é, não apenas nos chama a nos identificar com ele, permitindo que sua inscrição da lei em seus atos de admiração reproduza uma configuração da doutrina moral no contexto do sistema injusto do apartheid, mas também tenta tornar visível a lei à qual os brancos se cegaram. Novamente para citar Derrida:

Isso tenta abrir os olhos dos brancos; isso não reproduz o visível, isso produz isso [o visível] aqui. Essa reflexão torna visível uma lei que, na verdade, faz mais que refletir, porque essa lei, em seu fenômeno, era invisível — tornou-se ou continuou a ser invisível. Transportando o invisível para o visível, essa reflexão não procede do visível, pelo contrário, passa pela compreensão. Mais exatamente, revela entender o que passa da compreensão e só se relaciona com a razão. Foi uma primeira razão, a própria razão (Derrida; Tlili, 1987, p. 23¹⁰).

10 It tries to open up the eyes of the whites; it does not reproduce the visible, it produces it here. This reflection makes visible a law that in truth does more than reflect, because this law, in its phenomenon, was invisible—had become or continued to be invisible. Transporting the invisible into the visible, this reflection does not proceed from the visible, rather it passes through understanding. More exactly, it reveals to understanding what goes past understanding and only relates to reason. It was a first reason,

Aqui somos lembrados de Merleau-Ponty em que vemos formas de ser, incluindo o ser simbólico, apenas como elas aparecem de uma perspectiva, deixando junto com o que é visível um traço do que é invisível.

A nação branca havia consolidado uma lei que não podia refletir sobre si mesma porque negava o que alegava encarnar: a lei, a única nação da África do Sul. Ao rejeitar a lei que inverte sua própria universalidade, Mandela reflete sobre o significado do que essa universalidade prometeu, mas não entregou. Novamente, citando Derrida:

Mas, outra inflexão, se o testamento é sempre feito na frente de testemunhas, um testemunho na frente de testemunhas, é também para abrir e se juntar, é também para confiar em outros a responsabilidade de seu futuro. Para testemunhar, testar, atestar, contestar, apresentar-se ante as testemunhas. Para Mandela, não era apenas para mostrar a si mesmo, para se entregar a ser conhecido, ele e seu povo, era também para reinstaurar a lei para o futuro, como se, finalmente, nunca tivesse acontecido. Como se, nunca tendo sido respeitado, fosse para permanecer, essa coisa arqui-antiga que nunca esteve presente, como o futuro mesmo — ainda agora invisível (Derrida; Tlili, 1987, p. 37¹¹).

Nesse sentido, apresentando-se e representando-se como aquele que respeita a lei como ela tem sido tornada invisível, no sistema legal do apartheid, funciona para nomear o inominável, pelo menos sob esse sistema, que é aquele em que as demandas dos negros não são as demandas dos seres humanos, mas em que sua demanda, e apenas sua demanda, pode configurar e trazer visibilidade a promessa de universalidade. De certa forma, então, o apelo de Mandela à consciência não é apenas uma memória, mas uma promessa a futuras testemunhas que, como ele, exemplificarão e respeitarão a lei em suas vidas e a luta contínua contra o apartheid. Simplificando, Derrida está escrevendo que o poder moral do testamento de Mandela para sua própria consciência evocando futuras testemunhas, que podem ouvir sua voz e receber sua mensagem, prossegue através da imaginação exemplar ou testemunho. Na verdade, não pode fazer o contrário, pois a lei à qual ele próprio se submete deve ser visível se for para ser testemunhada. A imaginação exemplar não se originou em Mandela, mas ele simplesmente atendeu ao seu chamado e, ao fazê-lo, foi deportado

reason itself (For Nelson Mandela, 23).

11 But, another inflection, if the testament is always made in front of witnesses, a witness in front of witnesses, it is also to open and enjoin, it is also to confide in others the responsibility of their future. To bear witness, to test, to attest, to contest, to present oneself before witnesses. For Mandela, it was not only to show himself, to give himself to be known, him and his people, it was also to reinstate the law for the future, as if, finally, it had never taken place. As if, having never been respected, it were to remain, this arch-ancient thing that had never been present, as the future even—still now invisible (For Nelson Mandela, 37).

para uma possibilidade futura para uma nova África do Sul. No entanto, Mandela não está sozinho neste chamado que está sempre alcançando todos nós, um chamado que talvez seja uma de nossas maiores heranças do futuro.

Derrida escreve tão lindamente de nossa obrigação como prestar atenção a uma “tempetividade na formação”, que, como ele diz, é “virtual, inibida, que espera, grávida de uma aceitabilidade possível” (Derrida, 2001, p. 31). Derrida está, na minha percepção, tão ameaçador para os outros porque ele, inflexível e persistentemente, atendeu às forças que estão em silêncio, “ainda em minoria, mas lá”. Ele nunca parou de atender às vozes, visto que ele ainda estava assinando petições no dia em que fez sua última viagem ao hospital. É essa ordem de que “devemos agir agora” que talvez seja sentida com tanta força no momento de sua morte. Para isso agora, esta ordem de que devemos agir imediatamente, é inseparável do próprio pensamento de Derrida sobre a morte. Como Derrida escreve: “Só um mortal pode falar do futuro nesse sentido, um deus nunca poderia fazê-lo. Então eu sei muito bem que tudo isso é um discurso — uma experiência, pelo contrário — que é possível como um futuro por uma certa iminência da morte (Derrida, 2001, p.23¹²)”.

A iminência aqui é que a morte pode chegar a qualquer momento. Heidegger discute isso brilhantemente em *Ser e Tempo* e o fato de que a morte pode chegar a qualquer momento faz justiça ao caráter de uma ordem imediata¹³. Ser fiel ao futuro, então, é nos abirmos ao chamado, “o que você está fazendo hoje?”.

Em última análise, é este chamado à responsabilidade, visto como inevitável e infinito, combinado com a “promessa do futuro que sempre poderia ser” que fez Derrida tão terrivelmente ameaçador para tantos que nos diriam que não há futuro, e aqueles que se apegam a ele com fidelidade não são nada além de tolos e sonhadores. Em seu “adeu” para Emanuel Lévinas, Derrida escreve que “adeu” cumprimenta o outro além de ser no que está significado, e aqui ele cita Lévinas, “além de ser pela palavra glória”. Podemos deixar Derrida em sua glória se nos permitirmos aceitar a responsabilidade que ele nos confiou. É uma responsabilidade para com o futuro que está sempre aqui “a ser recebida”, e paradoxalmente no melhor sentido da palavra “porvir”. Minha oração por todos nós, por mim, por minha filha, e a ele é a gratidão que reside na esperança que ele deixou em aberto nessa confiança.

12 O mesmo trecho na versão portuguesa de *O gosto do segredo*: Só um mortal pode falar do porvir neste sentido. Sei bem que é um discurso ou antes uma experiência tornada possível como porvir por uma certa iminência da morte (*O Gosto do Segredo*, p.39). [N.T.]

13 A iminência significa que qualquer coisa pode advir a qualquer momento - Heidegger falou muito bem disso em *Sein und Zeit* -, e o facto de poder advir a qualquer momento dá a esta justiça um carácter de injunção imediata (trecho na versão portuguesa) [N.T.]

Bibliografia

- Borradori, Giovanna. **Philosophy in a Time of Terror**: Dialogues with Jürgen Habermas and Jacques Derrida, Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- Derrida, Jacques. **The Other Heading**: Reflections on Today's Europe, Trans. Pauscale-Anne Barult and Michael Naas. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1992.
- Derrida, Jacques and Mustapha Tlili, eds. **For Nelson Mandela**, New York: Seaver Books, 1987.
- Derrida, Jacques and Maurizio Ferraris, **A Taste for the Secret**, Trans. Giacomo Donis, Eds. Giacomo Donis and David Webb, Malden, MA: Blackwell Publishers Inc., 2001.